

Nome: Larissa Martins Borges

Idade: 16 anos

Série/Turma: 2º EM

As mãos que me trouxeram até aqui

Dizem que o mundo é imenso, que não cabe em mapas, aviões ou histórias de quem parte. Mas o meu mundo, por muito tempo, coube inteiro nas mãos enrugadas de duas mulheres que, embora nunca tenham se apertado, fundiram-se dentro de quem eu sou.

A primeira morava em uma casa de madeira na fazenda e tinha cheiro de terra molhada, era a minha avó materna. Seus passos eram pesados no chão de taco, marcados pelo cansaço. Ela não falava de sonhos, falava de resistência. Lembro-me de suas mãos grossas e calejadas apertando as minhas como se quisessem me ensinar logo cedo que o mundo pode ser duro, mas que a gente não precisa quebrar junto com ele.

A outra, minha avó paterna, vivia em um pequeno apartamento no centro da cidade. Recordo-me da vista de seu quarto para a praça central. Suas palavras eram doces, quase como histórias inventadas para suavizar a realidade. Ela costumava me chamar de “meu pedacinho do mundo”, e eu nunca entendi bem o significado. Hoje entendo: para ela, o mundo não era o que faltava, mas o que ainda era possível sentir.

Cresci entre esses dois lugares opostos em duas formas de existir: uma que resistia, outra que acolhia, e por muito tempo achei que precisava escolher entre um desses dois lugares, entre ser forte ou sensível. Mas o tempo foi me moldando e, sem que eu percebesse me tornei aquilo que, um dia, eu observava de longe, nas avós ao segurar meu neto pela primeira vez, senti algo que não cabia em palavras; suas mãos frágeis e delicadas eram como um pedido silencioso para que eu fosse, ao mesmo tempo, abrigo e força. Hoje, vivendo em uma casa que une a madeira da infância ao coração da cidade, percebo que não habito apenas um espaço físico, mas a herança viva dessas duas mulheres. Sou força de uma e ternura de outra, costuradas no mesmo peito.

No presente, não me perco mais na distância de mapas que nunca toquei; meu mapa não tem fronteiras, tem dois lugares cheios de memórias, vozes e silêncios que dizem mais que qualquer viagem. Meu lugar no mundo não é um ponto fixo, é um ciclo que começou nas mãos das minhas avós, passou por mim e agora vive pequeno e pulsante nas mãos de quem ainda vai descobrir o que é existir. E, pela primeira vez, eu entendo: o meu lugar no mundo não é uma coordenada geográfica, mas um ciclo que pulsa. Meu lugar no mundo é onde o amor insiste em ficar, mesmo quando o corpo já se fez partida.